



**FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE**

**MARCIO TEIXEIRA DOS SANTOS**

**O QUE É ISSO, A FELICIDADE?**

ARIQUEMES - RO  
2018

**Marcio Teixeira dos Santos**

## **O QUE É ISSO, A FELICIDADE?**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Psicologia da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA, como requisito parcial a obtenção do título de bacharelado em psicologia.

Prof. Orientador: M. Ana Claudia Yamashiro Arantes.

Ariquemes - RO  
2018

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Biblioteca Júlio Bordignon - FAEMA**

---

SA237q	SANTOS, Márcio Teixeira dos.
	O que é isso, a felicidade?. / por Márcio Teixeira dos Santos. Ariquemes: FAEMA, 2018.
	51 p.
	TCC (Graduação) - Bacharelado em Psicologia - Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA.
	Orientador (a): Profa. Ma. Ana Claudia Yamashiro Arantes.
	1. Psicologia. 2. Felicidade. 3. Sociedade de Consumo. 4. Contemporaneidade. 5. Filosofia. I Arantes, Ana Claudia Yamashiro. II. Título. III. FAEMA.
	CDD:150.

---

**Bibliotecário Responsável**  
**EDSON RODRIGUES CAVALCANTE**  
CRB 677/11

Assinado digitalmente por: Ana Claudia Yamashiro  
Arantes  
Razão: Sou responsável pelo documento  
Localização: FAEMA - Ariquemes - RO  
O tempo: 01-12-2018 16:05:32

**Marcio Teixeira dos Santos**

<http://lattes.cnpq.br/3834060180250992>

## O QUE É ISSO, A FELICIDADE?

Monografia apresentada ao curso de graduação em Psicologia, da Faculdade de Educação e Meio Ambiente como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel Psicólogo.

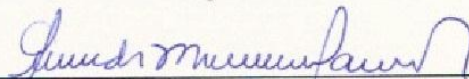
### COMISSÃO EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Orientadora: Ms. Ana Claudia Yamashiro Arantes  
<http://lattes.cnpq.br/2181183340752599>  
Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA

---

Prof.<sup>o</sup> Esp. Oliveira Lima de Melo  
<http://lattes.cnpq.br/6701892038418780>  
Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA



---

Prof.<sup>a</sup> Esp. Sandra Mara dos Santos  
<http://lattes.cnpq.br/0201557202029560>  
Psicóloga clínica

Ariquemes, 12 de Novembro de 2018.

Assinado digitalmente por: Oliveira Lima de Melo  
Razão: Sou responsável pelo documento  
Localização: Faema - Ariquemes/RO  
O tempo: 01-12-2018 18:50:31

Dedico este trabalho àqueles que não esperam por felicidade, que experimentam o amor fati a todo instante. A vocês, desejo que a vontade de potência seja aumentada a cada encontro com o mundo.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, o criador, pela vida. A família pelo apoio, em especial minha mãe dona Ana Alexandrina por acreditar e incentivar em todos os momentos. Aos meus sobrinhos lindos e queridos por ter me suportado nos momentos em que fui chato. Vocês serão melhores pessoas que Eu.

Aos amigos por proporcionar momentos felizes, pelas discussões e reflexões valiosas que me fizeram crescer ao longo desses cinco anos. Sem palavras, vocês são demais.

Aos professores que passaram por nós nesses cinco anos e que deixaram uma marca importante na minha formação. Jamais os esquecerei.

Um agradecimento especial a minha orientadora Ana Claudia Yamashiro Arantes a quem me espelho na prática docente, e por contribuir de maneira excepcional na minha formação crítica e técnica. Com ela tivemos as melhores discussões.

O que é que se consegue quando se fica feliz?  
sua voz era uma seta clara e fina. A professora  
olhou para Joana.

- Repita a pergunta...?

Silêncio. A professora sorriu arrumando os livros.

- Pergunte de novo, Joana, eu é que não ouvi.

- Queria saber: depois que se é feliz o que  
acontece? O que vem depois? - repetiu a menina  
com obstinação.

A mulher encarava-a com surpresa.

- Que ideia! Acho que não sei o que você quer dizer,  
que ideia! Faça a mesma pergunta com outras  
palavras...

- Ser feliz é para se conseguir o quê?

(CLARICE LISPECTOR)

“Todos os homens procuram ser felizes; isso não tem exceção... É esse o motivo de todas as ações de todos os homens, inclusive dos que vão se enforcar”.

(BLAISE PASCAL).



## RESUMO

Esta pesquisa buscou percorrer os conceitos de felicidade ao longo da história do pensamento filosófico. A Grécia, que marca o berço da civilização ocidental, será nosso ponto de partida por elevar a discussão da felicidade para o campo filosófico, tirando-a do domínio dos deuses. Passaremos por Aristóteles, Epicuro, Agostinho, Hobbes, Espinosa, Freud, Bauman, Nietzsche e Comte-Sponville. Durante o percurso desse trabalho verificar-se-á como diferentes culturas se relaciona com o problema da felicidade/sofrimento. Discutiremos como o problema se apresenta na sociedade de consumo no qual a felicidade se instaura como um imperativo a ser buscado a qualquer preço. Por fim discutiremos duas propostas a felicidade como algo possível: O sofrimento como travessia e a felicidade desesperada.

**Palavras-chaves:** Felicidade, Sociedade do Consumo, Felicidade na Contemporaneidade, O Problema da Felicidade na Filosofia.

## ABSTRACT

This research sought to explore the concepts of happiness throughout the history of philosophical thought. Greece that marks the cradle of Western civilization will be our starting point for raising the discussion of happiness to the philosophical field by removing it from the dominion of the gods. We will pass through Aristotle, Epicurus, Augustine, Hobbes, Espinosa, Freud, Bauman, Nietzsche e Comte-Sponville. During the course of this work it will be verified how each culture is related to the problem of happiness / suffering. We will discuss how the problem presents itself in the consumer society in which happiness is established as an imperative to be sought at any price. Finally we will discuss two proposals of happiness as something possible: suffering as a crossing and desperate happiness.

**Keywords:** Happiness, Consumer Society, Happiness in Contemporaneity, The Problem of Happiness in Philosophy.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2 OBJETIVOS</b> .....	13
2.1 OBJETIVO GERAL .....	13
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	13
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	14
<b>4 REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	15
4.1 A CONSTRUÇÃO SÓCIO HISTÓRICA DO TERMO FELICIDADE .....	15
4.1.1 Aristóteles: A felicidade é uma virtude .....	15
4.1.2 Epicuro: Ser feliz é obter prazer .....	18
4.1.3 A Felicidade Cínica.....	19
4.1.4 Agostinho de Hipona: A felicidade revelada.....	21
4.1.5 A Felicidade ontológica – A esperança é a raiz de todos os males.....	24
4.1.6 Thomas Hobbes: Não é a felicidade que move, é o desejo .....	27
4.2 FELICIDADE E CONSUMO .....	29
4.2.1 A busca da felicidade e as relações no mundo pós-moderno: de Freud a Bauman .....	33
4.3 DOIS CAMINHOS À FELICIDADE .....	37
4.3.1 O sofrimento como travessia .....	38
4.3.2 Entre o desespero e a esperança .....	40
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	43
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	47

## INTRODUÇÃO

Em nenhuma outra época o tema felicidade esteve tão presente quanto a nossa. Nas estantes de livraria, livros de autoajuda, horóscopos, gurus, *coachings*, pílulas e psicoterapias da felicidade. A promessa de felicidade se tornou banal, tão clichê como um comercial de TV - uma constatação que mostra o quanto o tema faz parte do imaginário popular e sem dúvida constitui-se como um dos principais objetivos do homem. A partir dessa constatação, pretende-se suscitar reflexões a respeito da construção dos discursos em torno da felicidade ao longo do tempo, bem como os que, em linhas gerais, estão presentes na nossa cultura.

Durante a pesquisa, buscou-se percorrer os conceitos de felicidade ao longo da história do pensamento filosófico. A Grécia, que marca o berço da civilização ocidental, será nosso ponto de partida por elevar a discussão da felicidade para o campo filosófico tirando-a do domínio dos deuses. Para tanto, traremos para a discussão as diversas tentativas de conceituação do tema elaborada em diferentes épocas e contextos.

O interesse sobre o tema surgiu a partir dos questionamentos e discussões acadêmicas sobre o papel da psicologia diante da demanda por uma vida feliz, que emerge tanto na clínica quanto nos discursos presentes na contemporaneidade: todos querem ser feliz, esta parece ser a aspiração maior do homem.

Surge a pergunta que norteou a pesquisa: existe algo que, tendo o homem adquirido, pudesse satisfazê-lo no seu desejo de ser feliz? Seria essa uma demanda específica do nosso tempo?

Para tentar responder a esses questionamentos e com a responsabilidade de realizar uma análise crítica, serão abordados conceitos de alguns filósofos e pensadores importantes tais como Aristóteles, Santo Agostinho, Hobbes, Espinosa, Nietzsche, Freud e Bauman, com os quais o leitor entrará em contato ao longo do trabalho. Esse caminho se fará importante para compreendermos a complexidade e a universalidade do tema a partir de diferentes perspectivas.

A partir desse percurso, suscita uma discussão de como a sociedade do consumo se apropria desse desejo e a partir da cultura de massas e da indústria do *marketing* e incorpora a felicidade como um imperativo, através do qual todos devem ser felizes. Sob essa perspectiva, será discutido como o sujeito contemporâneo

busca a felicidade através do consumo frente a um imperativo do gozo constante. Nesta perspectiva, o imperativo do gozo constante, situado por Bauman como lugar comum na sociedade do consumo, é problematizado pela ótica freudiana, que a examina sob o signo do funcionamento patológico. As relações sociais, cada vez mais superficiais e objetificadas frente a uma sociedade cada vez mais individualizada, também serão analisadas neste trabalho.

Para contrapor a sociedade do consumo, apresentaremos duas concepções importantes sobre a felicidade com as quais analisaremos a filosofia de Friedrich Nietzsche e André Comte-Sponville: o sofrimento como travessia e a felicidade desesperada surgem como caminhos possíveis ao problema.

Por fim, sabendo da relevância do tema frente ao adoecimento do sujeito na contemporaneidade, discutiremos a problemática da felicidade a partir dos resultados obtidos, trazendo o leitor para pensar essa problemática, com o intuito de formar uma consciência crítica a respeito do tema.

## 2 OBJETIVOS

### 2.1 OBJETIVO GERAL

- ✓ Compreender a construção do processo de ser feliz ao longo do tempo através de uma perspectiva filosófica e crítica.

### 2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ✓ Entender como o conceito de felicidade se modifica ao longo do tempo;
- ✓ Discutir a busca por ser feliz como valor universal e inerente à condição humana;
- ✓ Refletir sobre o modo como homem busca a felicidade a partir da cultura que está inserido;
- ✓ Compreender a busca por ser feliz na sociedade contemporânea.

### **3 METODOLOGIA**

Com o objetivo de analisar o tema proposto, este trabalho consistiu na investigação de publicações científicas presentes nas bases de dados Google Acadêmico e Scientific Electronic Library Online (SciELO), além de literatura pessoal do acadêmico e da professora que orienta essa pesquisa, configurando assim um modelo de pesquisa bibliográfica. Para isso utilizou-se dos seguintes descritores: Felicidade, Sofrimento e Felicidade, Sociedade do Consumo, O Problema da Felicidade, Felicidade na Contemporaneidade.

Para elaboração da pesquisa foram selecionados cerca de 90 materiais dentre os quais estão artigos, livros, revistas eletrônicas, teses e dissertações, dentre os quais 54 foram utilizados para a elaboração desta monografia, considerando excluídos aqueles que não contemplassem a proposta ou que fugissem do escopo do tema, ou que já houvesse sido discutida com mais afinco em literatura mais completa. Dos 54 materiais utilizados, constam 18 livros, 3 dissertações e 33 artigos sendo 1 de língua estrangeira (Espanhol). A pesquisa não levou em consideração a data de publicação, haja vista haver literatura sobre tema com datas anteriores à era cristã.

## 4 REVISÃO DE LITERATURA

### 4.1 A CONSTRUÇÃO SÓCIO HISTÓRICA DO TERMO FELICIDADE

#### 4.1.1 Aristóteles: A felicidade é uma virtude

O interesse pela felicidade sempre fez parte da história do pensamento, de modo que algumas representações sobre o tema podem ser encontradas em épocas muito anteriores à da Grécia Clássica. Na Suméria há achados históricos de quatro mil anos antes de Cristo com escritos em argila relatando o paraíso como um lugar de felicidade e equilíbrio entre homens, animais e a natureza, sem nenhuma rivalidade. Na mitologia grega, deuses e humanos viviam em perfeita harmonia. A Teogonia de Hesíodo mostra uma época em que deuses e homens viviam num estado de paz e fartura de alimentos; também as criaturas humanas não envelheciam e viviam num estado de graça (PEREIRA; ARAÚJO, 2018). Esse estado de felicidade, segundo a mitologia, se encerra quando Zeus destitui Cronos e inicia a contagem do tempo. A partir disso, a felicidade que ora era experimentada por todos os homens passa a ser condicionada a um lugar secreto que só era possível conhecer depois da morte. Observa-se que algo em comum nessas narrativas é o fato de que todas elas residem numa esperança ou numa lembrança de um tempo que não é o presente.

Passando das representações mitológicas à razão, os filósofos da Grécia Clássica buscaram discutir a felicidade a partir de conceituações racionais e implicaram o homem na construção da própria felicidade a partir da ética e da virtude. Em Sócrates, a felicidade estava ligada a uma condição cívica. Para Platão, à busca do belo, da virtude e de um modelo ideal do mundo das ideias. Aristóteles, discípulo de Platão, discorda do matematismo místico da escola platônica e concebe a felicidade como resultado da ação humana, cuja natureza se esforça por praticar boas ações.



Discípulo de Platão, Aristóteles foi talvez um dos maiores expoentes da escola clássica grega. Seus tratados e estudos versavam sobre quase todas as ciências, entre elas a lógica, filosofia, biologia, metafísica, política. Com seu notável conhecimento, foi dissidente do seu mestre e, após sua morte, fundou a própria escola - o Liceu -, tendo sido professor de Alexandre, o Grande. Na sua “Ética a Nicômaco”, trata da busca por ser feliz e a virtude como uma ação humana, e confere à ética submissão à vida política. (CAMPS, 1989).

É possível destacar alguns pontos da filosofia aristotélica sobre a felicidade, como a ponderação, a ética como bem agir, a felicidade como finalidade do indivíduo, o encontro da excelência. Para Aristóteles, toda ação humana visam atingir um bem último. A finalidade de toda ação do indivíduo é ter uma vida boa e feliz (DO AMARAL; SILVA; GOMES, 2012). A partir disso, pode-se pensar a ética aristotélica como a ética da moderação, na qual o homem se revela ético através da educação da sua conduta; feliz é aquele que age bem, pois vive bem. Marilena Chauí (2002) destaca que para Aristóteles:

a felicidade é a vida plenamente realizada em sua excelência máxima. Por isso não é alcançável imediata nem definitivamente, mas é um exercício cotidiano que a alma realiza durante toda a vida. A felicidade é, pois, a atualização das potências da alma humana de acordo com sua excelência mais completa, a racionalidade (CHAUÍ, 2002, p. 442).

Para Aristóteles, o fim da ética também é a felicidade, cabendo a esta apontar o caminho para a felicidade, bem como ao agir bem, a fim de nos tornarmos bons. Segundo Chauí (2012), Aristóteles concebe a felicidade diferente das honras e das riquezas por conceber a felicidade como ser autossuficiente. Para ele, todas as outras coisas buscam a felicidade. “O fim da arte médica é a saúde, o da construção naval é um navio, o da estratégia é a vitória, da economia a riqueza.” (ARISTÓTELES, 1991, p. 6). Consequentemente, tais fins têm uma única finalidade para Aristóteles: “O sumo bem.” (ARISTÓTELES, 1991, p. 7). Todavia, cabe ressaltar que, dada a influência grega que valorizava a perfeição, Aristóteles dirá que o belo, a amizade, o companheirismo e a família são elementos importantes à felicidade.

Para tomar a felicidade aristotélica como princípio, faz-se necessário relembrar o cinismo, corrente filosófica que influenciou o pensamento de Aristóteles e pregava o total despreendimento dos bens materiais para alcançar a vida de excelência. O cinismo foi uma corrente filosófica fundada por Antístenes, discípulo de Sócrates, por volta do final do século V a.C. Sua filosofia pregava a

autossuficiência do indivíduo e o afastamento de tudo que não trouxesse seu aprimoramento, entre estes: família, higiene e bens materiais (GUIMARÃES, 2017).

A doutrina cínica surgiu como uma crítica à prática dos gregos de valorizar as riquezas, *status* e bens materiais como termômetro da felicidade. Com uma vida comercial agitada, a Grécia tornou-se uma espécie de entreposto mundial, à época. Nesse tempo, permeava na Grécia a ideia de que o acúmulo de bens geraria felicidade. O acúmulo de bens materiais sempre foi tido entre alguns como sinal de felicidade, satisfação ou vida plena; a observação fica clara se tomarmos a cultura egípcia como análise. No Egito, os ritos fúnebres dos faraós consistiam em encher seus mausoléus com as riquezas obtidas em vida, para que assim pudesse entrar no reino espiritual. Apesar de não haver um conceito concreto de felicidade na cultura egípcia, resta claro a importância dada aos bens materiais como elemento necessário a uma vida plena, sendo o tempo em vida validado, após seu fim, pelas riquezas adquiridas.

Percorrer esse binômio riqueza e abdicção é relevante, pois Aristóteles defendia que a felicidade estaria no equilíbrio entre os pontos opostos. Devido à influência do cinismo, logo adotou um meio termo entre a doutrina cínica e a realidade grega, influenciado pelas ideias de Diógenes. O equilíbrio marcará sua filosofia, notadamente o discurso do bem viver é marcado pela ponderação e equilíbrio. Aristóteles adotou dos cínicos o conceito de autossuficiência, ou seja, o indivíduo se basta, não necessitando de nada além de si próprio (PRUDENTE, 2014).

Na concepção Aristotélica, a felicidade era alcançada quando o homem agia de forma ética, potencializando suas virtudes da maneira mais perfeita possível (SEWAYBRICKER, 2012). Para Aristóteles, a ação virtuosa era aquela que passa pelo crivo da razão; à ética cabe orientar o indivíduo sobre a melhor maneira de agir. Todavia, o status de "ético" concedido ao indivíduo exige deste um árduo exercício que consistia no estudo das leis, costumes da sociedade, até que suas virtudes éticas passassem a influenciar seu entorno; a partir de então se alcançaria a excelência (LEVINE, 1997). Nesse sentido, é possível dizer que felicidade seria agir de acordo com a ética, e agir de acordo com a ética seria praticar boas ações. Como resultado, o indivíduo teria uma maior consciência dos seus atos, resultando em menos conflitos e mais felicidade.

Ao agir de acordo com a ética e praticar boas ações, o indivíduo teria uma

maior consciência dos seus atos e, portanto, menos conflitos. Dito de outro modo, felicidade seria, para Aristóteles, a virtude de agir bem e agir com ética. A *polis* seria o local por excelência para se viver bem e feliz, visto que agir com ética implica em viver em sociedade, não existindo uma ética do viver sozinho. É no convívio da *polis* e na convivência com os demais cidadãos que a felicidade se manifesta; a finalidade do estado e da civilização era também a felicidade.

Aristóteles diverge de Platão no conceito de *eudaimonia*<sup>1</sup>. Para Platão há uma razão que alcança a perfeição, mas para Aristóteles ela estaria sujeita aos ditames da natureza. Esse rompimento fulcral levou ambos a tomarem rumos diversos, adotando Aristóteles um conceito mais objetivo e racional para felicidade (MCMAHON, 2006).

#### 4.1.2 Epicuro: Ser feliz é obter prazer

Epicuro foi um pensador grego do período Helenístico que viveu entre 341 a.C a 271 a.C. Nasceu na Ilha de Samos, e ainda jovem teve contato com a teoria atomista de Demócrito, que influenciou suas ideias. Diferente de Platão e Aristóteles, o epicurismo destacou-se principalmente por suas teorias sobre a felicidade.

Para Epicuro o mundo é um caos e não há um padrão lógico existente em nenhum grau de profundidade, sendo a existência humana não o efeito da vontade e sim sua causa, e essa vontade é o prazer (COMTE-SPONVILLE, 2006).

Quanto ao tema, é salutar transcrever as palavras de Comte-Sponville (2006) sobre o pensamento epicurista, cuja característica marcante é o individualismo, indo na contramão do que prega Platão e Aristóteles. Epicuro acreditava no homem como ser individual, pois a felicidade estaria na satisfação dos seus desejos pessoais e no desligamento dos elementos coletivos.

Se nada além da matéria, o bem e o mal, o belo e o feio, o justo e o injusto não têm existência real. Só há a natureza, que não é nem boa nem má, nem bela nem feia, nem justa nem injusta (...). A própria verdade, se existe e se podemos conhecer, é sem valor, e tão indiferente quanto o resto (...) Tudo se equivale, mas nem tudo é igualmente desejável. Nada vale; mas há o prazer e a dor. O bem não é nada, nem o mal; mas há o desejo. Nada é justo; mas pode-se desejar a justiça (...) Assim acontece também com os

---

<sup>1</sup> Eudaimonia: Significa literalmente a posse de um bom demônio, ou seja, gozo ou fruição de um modo de ser mediante o qual se alcança a prosperidade e a felicidade. Filosoficamente entende-se por eudaimonismo toda tendência ética segundo o qual a felicidade é o sumo bem.

valores, que não são o que determina o desejo, mas o que o desejo define. E o sujeito é o lugar dessa definição (...) Não é o bem que é desejável; o desejável é que é bom. (COMTE-SPONVILLE, 2006, p. 77-78)

Quanto ao desligamento dos elementos coletivos, entende-se a libertação de fatores exteriores, ou seja, o indivíduo não pode ser feliz se depender que elementos exteriores confirmem a sua felicidade. Não trata apenas do outro enquanto indivíduo, na medida em que se entende por fatores externos qualquer objeto ou circunstância. Se a felicidade depender de uma circunstância alheia ao campo de ação do indivíduo, esta não é verdadeira (SEWAYBRICKER, 2012).

Vale destacar que, em Epicuro, a busca pelo prazer deve obedecer ao crivo da razão, afinal, todo prazer faz bem, mas ocorre que nem todo prazer traz boas consequências, e desta maneira, um prazer imediato pode gerar inúmeros sofrimentos futuros.

O epicurismo diferencia os desejos em três grupos, sendo eles os naturais que são necessários, os naturais que não são necessários e, os que não são nem naturais nem necessários. O primeiro trata dos desejos necessários à vida e alegria da alma; o segundo, dos desejos que advém da natureza do indivíduo, mas que não são necessários, tais como os desejos sexuais, gastronômicos - quanto a esses, é necessário ter cuidado para que o indivíduo não se torne escravo deles. Quanto ao terceiro, desejos não naturais e não necessários, enquadram-se nesse grupo a riqueza e o poder - tais desejos não são naturais nem necessários ao indivíduo, e sua consequência é o sofrimento (SEWAYBRICKER, 2012).

Uma diferença entre a filosofia de Epicuro das demais correntes filosóficas foi a forma com que tratou a relação prazer e virtude; enquanto para os seus contemporâneos as virtudes determinavam o prazer, para Epicuro é o prazer quem determina as virtudes.

#### **4.1.3 A Felicidade Cínica**

Se para Aristóteles a felicidade consistia em agir com ética, no aperfeiçoamento das virtudes para o bem comum, para Epicuro ela é alcançada a partir dos prazeres naturais que satisfazem a alma. De modo diverso a essas concepções, os Cínicos viam a felicidade de outra forma. Nos Cínicos, o

pensamento basilar era a busca de uma vida feliz, da indiferença aos dogmas sociais e do desapego à matéria.

Para os cínicos, a virtude era a rejeição aos bens materiais como fonte de felicidade, permanecendo aquilo que advém da natureza. Para ser feliz seria preciso ser autossuficiente, assim, sendo possível alcançar a felicidade.

O nome da corrente filosófica, cujo fundador é Antístenes, tem origem na palavra grega "Kynikos", que significa "igual a um cão", apesar de não haver pleno acordo quanto ao sentido do nome. A corrente majoritária entende que o nome foi atribuído como uma ofensa ao grupo em razão do seu total de desapego às convenções sociais e de higiene, a tal ponto que aparentavam serem mendigos (MATSDORFF, 2015).

A corrente cínica teve inúmeros adeptos e representa o sentimento grego da época de aversão às pompas gregas, pois esse período, tratado como clássico, caracterizou-se como o ápice da Grécia antiga, pois apesar de incorporar inúmeros conflitos internos e extremos, a Grécia já vinha carregando o nome de entreposto mundial.

A despeito de ter como fundador Antístenes, o cinismo tem como figura chave Diógenes de Cinope, discípulo de Antístenes. Diógenes fez da pobreza extrema uma virtude e levou o cinismo aos limites lógicos. Seguindo a corrente cínica, Diógenes procurava tornar-se autossuficiente, agia de forma desprezada dos dogmas sociais e combatia de forma veementemente tais convenções sociais, pois segundo ele advinham de uma sociedade corrupta, e concebia a felicidade como desapego e indiferença a essa sociedade (DIAS, 2014).

Quanto a Diógenes, conta-se o seguinte caso: certa feita, Alexandre O Grande, após a invasão Macedônica na Grécia, ouvindo falar de Diógenes, buscou encontrá-lo pessoalmente, e ao encontrá-lo no barril em que tomava sol, chegou e disse: "Sou Alexandre, aquele que conquistou o mundo. Peça-me o que quiser que lhe darei. Ouro, posses, títulos. O que queres de mim, ó sábio?", Diógenes, diante da situação, respondeu: "quero que saia da frente do meu sol" (DINUCCI, 2013).

Ante o exposto, torna-se difícil compilar em regras básicas a corrente cínica sobre a felicidade. No entanto, na necessidade de cumprir tal missão, é possível afirmar sinteticamente que felicidade, para o cinismo, é autossuficiência do indivíduo, caracterizada pelo total desapego à opinião pública e os dogmas sociais contemporâneos.

#### 4.1.4 Agostinho de Hipona: A felicidade revelada

Não é tarefa fácil apresentar uma conceituação sobre felicidade na filosofia de Santo Agostinho. O próprio autor, prolixo no assunto, não tinha a pretensão de oferecer um sistema conceitual sobre o tema. A busca pela vida feliz encontra-se capilarizada em toda obra Agostiniana, ora permeada por elementos da fé, ora por elementos da razão (SOUZA, 2006).

A Felicidade em Agostinho também não é um conceito ontológico; ela é antes de tudo uma narrativa desenvolvida pelo autor a partir da própria experiência na busca de uma vida feliz. Sua missão é transmitir ao leitor que a felicidade tão perseguida pelos homens foge a qualquer entendimento *a priori* que se tenha dela (SOUZA, 2006).

Para compreender o pensamento de Agostinho é necessário, antes, situá-lo historicamente. Nascido em 354, o Bispo de Hipona foi um dos maiores expoentes da escola patrística e seu pensamento dominou as discussões filosóficas até o século XIII. Filho de pais ricos, inicia cedo seus estudos e logo toma contato com diferentes escolas filosóficas da sua época, entre elas o maniqueísmo, o neoplatonismo e a doutrina cristã, que a princípio refutara por achar indigna a um homem culto. Sua mãe dedicava orações ao filho para que se convertesse ao cristianismo (SILVA, 2017; SOUZA, 2006).

A presença da filosofia grega nas obras de Agostinho foi responsável por introduzir a dualidade no pensamento cristão. A influência do dualismo platônico pode ser percebida na visão que Agostinho tem da natureza humana. Para o filósofo, corpo e alma são obras do mesmo criador, todavia Agostinho via a alma como superior ao corpo, pois é ela que liga o homem a Deus. Ademais, acreditava que homem carregava uma imagem imperfeita da imagem perfeita que era Deus (FERNANDES, 2007). Seu conceito de reminiscência também aponta para uma influência do dualismo platônico.

Até mesmo os gregos divergiam sobre o que seria felicidade. Epicuristas e Estoicos tinham visões antagônicas a respeito da felicidade: enquanto para uns a felicidade residia na negação dos desejos e desprendimentos das riquezas materiais, outros acreditavam que o desejo era o caminho para a felicidade (DA

GLORIA NOVAK, 1999). No mesmo sentido, Souza (2006) traz que a doutrina filosófica da época era marcada de um lado pelos gregos, que defendiam o uso da razão como forma de interpretar o mundo e atingir o conhecimento, e de outro alguns padres como Tertuliano, que defendiam a fé como “credo quia absurdum”.<sup>2</sup>

Esta falta de consenso marcou a inquietude de Agostinho na busca pelo sumo bem e a felicidade perene, levando-o a se dedicar às escrituras. Após ter passado pela doutrina de Fausto e alguns pensadores neoplatonistas, pelo que nos mostra Silva (2017), ao narrar sua conversão, conta que durante uma tarde, no jardim onde Agostinho morava, escuta de longe um cântico infantil dizendo “Tolle, lege, tolle, lege”, que, traduzido, quer dizer “toma e lê, toma e lê”. No mesmo instante, Agostinho toma um livro que está perto de si e abre: era a carta de Paulo aos Romanos, que dizia:

“Não caminheis em glotonarias e embriaguez, nem em desonestidades e dissoluções, nem em contendadas e rixas; mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não procureis a satisfação da carne com seus apetites”. (*Bíblia*, Romanos 13,13).

A partir de então, Agostinho abandona a vida regada a prazeres e riquezas e passa a dedicar sua vida às escrituras, à fé, à razão e à busca de uma felicidade transcendente, a *beata vita*.

Tarde te amei, ó beleza tão antiga e tão nova! Tarde demais eu te amei! Eis que habitavas dentro de mim e eu te procurava do lado de fora! Eu, disforme, lançava-me contigo, mas eu não estava contigo. Retinham-me longe de ti as tuas criaturas, que não existiriam se em ti não existissem. Tu me chamaste, e teu grito rompeu a minha surdez. Fulguraste e brilhaste e tua luz afugentou a minha cegueira. Espargiste tua fragrância e, respirando-a, suspirei por ti. Eu te saboreei, e agora tenho fome e sede de ti. Tu me tocaste, e agora estou ardendo no desejo de tua paz (AGOSTINHO, 1984, p. 295).

Buscando a felicidade a partir da lembrança que tivera, Agostinho percebe que toda a felicidade que já experimentara tinha sido passageira, pois residia em coisas que eram efêmeras e possíveis de se corromper com o tempo. “E esta é a felicidade: alegrar-nos em ti, de ti e por ti. É esta a felicidade, e não outra. Quem acredita que exista outra felicidade persegue uma alegria que não é verdadeira.” (AGOSTINHO, 1984, p. 291). Disso, dirá Souza (2006), Agostinho deduz que somente um ser imutável e incorruptível poderia oferecer uma felicidade que não se

---

<sup>2</sup> “Creio por ser absurdo”. Expressão utilizada para explicar as verdades reveladas por Deus que não eram compreensíveis pela razão humana.

desfaz com o tempo. Dito de outro modo, a noção de felicidade experimentada pelos homens era uma reminiscência da iluminação deixada na memória de forma intencional por Deus, para que a verdade fosse assim revelada pelo Criador. Cabe, contudo, ressaltar, que essa iluminação a que se refere Agostinho não é uma experiência personalíssima, mas àquela experiência deixada por Deus ao homem enquanto ser da criação.

Todavia, para o Doutor da Graça, a felicidade não é só transcendência e revelação, é também aquilo que move todo pensamento filosófico. Todos os homens desejam ser felizes e somente é possível através do encontro com os atributos de Deus (SILVA, 2017). Se a verdade é revelada por Deus, assim também é a felicidade, cabendo à razão experimentar e participar do que lhe foi dado e conduzir o homem a compreender sua temporalidade e insuficiência frente ao criador.

O pensamento cristão marcou a história da humanidade e influenciou toda cultura ocidental. Contrapondo-se aos Gregos, o cristianismo introduz uma noção inversa àquela trazida pela filosofia grega: se com Aristóteles a noção de felicidade deixa de ser um atributo divino e passa a depender da ação humana, em Agostinho, a noção de felicidade volta a depender da fé, da comunhão e de Deus, que é por excelência o criador da felicidade (SEWAYBRICKER, 2012). Para o Bispo de Hipona, a felicidade reside, portanto, no absurdo de conhecer e se entregar ao Deus transcendente.

Ao passo que foi adentrando no conhecimento a despeito do Deus criador, Santo Agostinho foi deixando de lado a influência das filosofias pagãs. Agostinho foi o responsável por trazer a filosofia ao pensamento cristão, e isso garantiu em grande medida a hegemonia do pensamento cristão durante a Idade Média. Há um ser absoluto que é o fim de todas as coisas inclusive a felicidade. Esse encontro só era possível através da fé e das experiências sensíveis, no qual o homem volta para si para conhecer a verdade revelada por Deus (SEWAYBRICKER, 2012). Essa concepção de felicidade revelada a toda criatura foi relegada pelo Iluminismo que tornou-se um imperativo na sociedade pós-moderna, impondo, ao contrário da patrística agostiniana, uma busca pela felicidade personalíssima e individualista. Nessa nova perspectiva, cada um é obrigado a buscar ao seu modo ser feliz.



#### 4.1.5 A Felicidade ontológica – A esperança é a raiz de todos os males

Durante todo o percurso da história da filosofia, as questões a respeito da felicidade se fazem presentes. Cada um a sua maneira, os filósofos buscaram explicações que pudessem satisfazer as indagações do seu tempo.

Na filosofia de Spinoza, a felicidade aparece como elemento central já nas suas primeiras obras, denotando ser esse um tema pelo qual moveu sua vida e o fio condutor de sua obra. De acordo com Paula (2009), isso denota a necessidade do homem, em especial da filosofia, em conhecer a natureza da felicidade, ou ainda se existe uma felicidade suprema sobre a qual repousam os afetos, e, em última análise, uma reflexão sobre o caminho para se chegar a esta, pois, longe de serem estritamente filosóficas, essas são questões que permeiam a existência e a natureza humana. Para Costa-Pinto & Rodrigues (2013), a obra o “Breve Tratado Sobre Deus o Homem e sua Felicidade” também aponta o interesse do filósofo para uma filosofia da felicidade, que, em Spinoza, é também uma filosofia do conhecimento.

Paula (2009) chama a atenção para o fato de que, em Spinoza, o conhecimento aparece como uma filosofia da ação, voltada para atingir a felicidade a partir de uma ética do viver, buscando livrar-se das superstições que são as causas das infelicidades. Trata-se, portanto, de uma filosofia voltada para o agora, único tempo em que é possível modificar as coisas. A felicidade não reside na transcendência, nem na esperança. A esperança, justamente por seu caráter indefinido, seria a causa de angústia, e, no sentindo amplo, a causa dos nossos medos (PAULA, 2009). Nota-se que, em Spinoza, diferente do que prega o senso comum, a esperança é causa de infelicidade, justamente por hipotecar um momento de felicidade que não existe. Neste sentido, é possível referir que a felicidade em Spinoza é sujeita a temporalidade, a saber, o tempo presente.

Para Rocha (2015), assim como Agostinho, Spinoza não acreditava que a felicidade residia nas coisas temporais, passíveis de corromper-se. Ao contrário, acreditava que o desejo a esses bens é causa de toda infelicidade, tristeza e medo: quando estão metidos em alguma desgraça, buscam retomar aquilo que perderam; quando estão fartos, sofrem por medo de perder o que têm, ou por achar que ainda não tem o suficiente. Outra distinção entre o pensamento de Spinoza e Agostinho é que, enquanto para este a felicidade era fruto da vontade revelada por Deus, para aquele advinha de uma volição da natureza humana que se esforça por manter sua

existência. Em Spinoza, o caminho para a felicidade perpassa os afetos: sai a fé e a esperança, entra o corpo e o *conatus*<sup>3</sup> (ROCHA, 2015).

Em seu “Tratado da Correção do Intelecto”, Spinoza inicia a discussão ontológica da felicidade indagando sobre o que moveria o homem, que, deixando de lado os prazeres, a fortuna e as felicidades comuns, se lançasse em busca da suma felicidade. Logo nas primeiras linhas do seu tratado, Spinoza lança a questão:

Depois que a experiência me ensinou ser vãs e fúteis todas as coisas o que ocorre frequentemente na vida comum, e vi que todas as coisas que temia e me fazia temer não tinham em si nada de bom nem de mau, a não ser enquanto o ânimo é movido por elas, decidi enfim perguntar se haveria algo que fosse um verdadeiro bem e pudesse comunicar-se, e que, rejeitados todos os outros, fosse o único a afetar o ânimo. Mais ainda, se haveria algo que, descoberto e adquirido, fizesse-me fruir para sempre uma alegria contínua e suprema (SPINOZA, 1661/2004, pg.5).

Nota-se que já no século XVI, muito antes do surgimento da sociedade do consumo, Spinoza já denunciava a impossibilidade de se chegar à felicidade a partir da busca de um objeto ou valor externo ao próprio homem. A busca por reconhecimento, bens e prazeres, que parecia ser objetivo comum dos homens, era vista como impedimento de se alcançar a felicidade e causa de embotamento da razão.

Mais adiante o filósofo cita que, a rigor, aquilo que os homens consideram a suprema felicidade a qual todos buscam e por ela dão a vida se resume em três coisas, a saber: as riquezas, as honras e a concupiscência. Por essas coisas a mente se vê tão embotada que impossibilita o homem de pensar em qualquer outra coisa (SPINOZA, 1661/2004). Aquilo que os homens buscam como felicidade não contém em si nenhuma qualidade, sendo frágil e pueril. Com efeito, ainda, Spinoza mostra que há bens que nos parecem certos, mas são incertos; coisas que parecem bem certos, mas são males certos; e outros bens que sobre os quais repousam uma promessa de felicidade, mas são de natureza efêmera e incerta.

Deduz-se disso que na filosofia dos afetos as coisas não possuem uma natureza dada, seja boa ou má, alegre ou triste, dado que os encontros com o mundo dos afetos serem contingentes, afetando e por ele sendo afetados sempre de um modo diferente. Daqui se alude à impossibilidade de alcançarmos um estado

---

<sup>3</sup> Em Spinoza *Conatus* pode ser entendido como a força ou movimento inerente a natureza que leva a preservação da vida.

constante de Felicidade, pois a dinâmica dos afetos nos impõe necessariamente aumento ou perda de alegria (PAULA, 2009).

Entretanto, essa mesma alegria que aumenta nossa potência pode ser também causa de tristeza, do mesmo modo que a tristeza pode ser boa e até mesmo causa de alegria. Rocha (2015) explica esta passagem tomando a dor como exemplo ao elucidar sobre seu sentido dificilmente antevisto: esta pode ser boa quando reduz a excitação e promove o equilíbrio dos afetos, levando-nos a refletir sobre a origem das paixões. Destarte, a ética em Spinoza serve como guia para se chegar à felicidade e libertar-se das paixões.

Assim sendo, para Spinoza o afeto é ponto de partida que define em que grau e medida o sujeito experimenta a felicidade. Como parte de uma natureza imanente, nos relacionamos com outros seres que também são partes da mesma natureza. Cada relação ou encontro com outros seres implica afetar e ser afetado por eles, isso é inevitável. Há encontros que aumentam outros que diminuem nossa potência de agir sobre o mundo, isso é sentido na mente como alegria ou tristeza (PAULA, 2009). Spinoza tomará o conceito de imanência de Deus (Natureza) para formar o conceito ontológico de felicidade e explicar como o encontro com os afetos poderia aumentar potência de agir sobre o mundo.

Isso se dá quando Spinoza afirma que a “natureza” (Deus) é substância e causa imanente, não transitiva, de todas as coisas. Ou seja, é substância criadora de si e tudo que existe provém dela. Nós, de forma imanente, somos modos dessa substância criadora, e, estando ela em nós, carregamos uma parte dessa infinita potência. (ROCHA, 2015)

Paula (2009) nos apresenta que o homem, para Spinoza, é um ser afetivo, no qual o desejo pela felicidade é “natural” da sua existência. Cabe ressaltar que natural aqui assume um sentido espinosano no qual o desejo por momentos de felicidade é determinado ontologicamente, pela natureza humana, a qual está inevitavelmente predisposto aos afetos e as paixões. A esse desejo, chamara *conatus*, que, de acordo com Spinoza, seria o esforço ou movimento que cada ser realiza para preservar sua existência.

O que Spinoza nos mostra na sua ética é que, enquanto parte imanente da natureza, estamos determinados ontologicamente a desejar sermos felizes, visto que o *conatus*, esse esforço por perseverar a existência, está compelido a buscar encontros que aumentem nossa potência de agir e existir. Vale lembrar que esse

esforço pela felicidade presente em nós é parte finita de um esforço infinito, que é a natureza.

A concepção de um Deus imanente e da esperança como causa de sofrimento influenciou vários pensadores tais como Nietzsche e Conte-Sponville. Cardozo Jr. (2006) destaca a impressão que Spinoza causa em Nietzsche, que, ao tomar contato com sua obra e impressionado com a concepção de um Deus imanente, admite que tem um precursor a quem o instinto havia guiado.

#### **4.1.6 Thomas Hobbes: Não é a felicidade que move, é o desejo**

Influenciado pelo pensamento racionalista e o empirismo baconiano, Hobbes dedica sua filosofia para explicar a natureza do homem e a origem do Estado. Na concepção hobbesiana, o homem vive num infinito estado de desejo jamais satisfeito (FRATESCHI, 2009). Hobbes vai contrapor a noção de animal político e o conceito de virtude proposto por Aristóteles. Nesse sentido, o autor de “O Leviatã” tece várias críticas no que concerne à busca pelo sumo bem proposta pelos filósofos gregos.

Para explicar seu pensamento, Hobbes toma como ponto de partida da sua filosofia a teoria acerca da conservação do movimento proposto por Galileu. Segundo essa teoria, os corpos tendem a permanecer em movimento e direção até que encontre uma força maior. Para Hobbes, esse movimento do homem que é o desejo só encontra uma força maior com a morte (HOBBS, 1651/1983).

Segundo D'Oca (2011), Hobbes concorda com Aristóteles ao afirmar que seria o desejo e não a razão o condutor da ação humana. Para o autor, “[..] a cadeia causal da ação segue esta ordem: o desejo põe o fim, o homem delibera e age. O desejo é o ponto de partida da deliberação, sendo o último passo da deliberação o ponto de partida do movimento que gera a ação” (D'OCA, 2011, p. 3), e assim sucessivamente, até que não haja mais desejo; porquanto, considerando que o desejo é atributo da natureza humana, o homem buscará satisfazê-lo enquanto houver vida. Hobbes não só coloca a razão num *status* inferior como a submete a fornecer mecanismos para consecução do desejo.

A partir das leis gerais da teoria do movimento, Hobbes propõe a teoria da causalidade eficiente em oposição à teoria teleológica (finalidade) de Aristóteles. Com isso, ao substituir a teleologia pela causalidade eficiente, Hobbes nega a ideia

de uma felicidade suprema; sujeita a virtude ao desejo e, concebe um homem refém do próprio desejo, condenado à consecução de uma finalidade sempre provisória (FRATESCHI, 2009). Depreende-se disso que a felicidade não é um fim a ser buscado, nem tampouco aquilo que move o homem. Em Hobbes (1651/1983), assim como em Freud, o desejo reside invariavelmente na ausência, num objeto faltante; isso implica numa impossibilidade de pensar na felicidade como fim, tampouco como um processo.

Em “O leviatã”, Hobbes (1651/1983) mostra que a felicidade que tanto buscamos não consiste numa sensação de gozo na qual o espírito repousa num estado de graça. Tampouco estará satisfeito, completo dos seus desejos. A felicidade é essa busca contínua, na qual se obtém o progresso de um desejo para outro. A felicidade atingida na obtenção de um desejo nada mais é que um passo para se chegar a outro, e assim sucessivamente. Concluindo essa ideia, D’oca (2011) explica que a felicidade para Hobbes consiste na obtenção de um objeto que lhe facilite chegar a outro objeto e com isso garantir meios para a preservação da vida.

Hobbes foi contemporâneo de Spinoza, e, influenciado pela teoria geral do movimento, também partirá do *conatus* pra explicar o que levam os homens a agirem como agem. O *conatus* aparece não só como movimento ou esforço para a preservação da vida, mas também nos pequenos movimentos que resultam em pensamento, falar, caminhar (OLIVA, 2018).

Como vimos, a Grécia berço da filosofia ocidental inaugura a discussão filosófica a respeito da felicidade. Aristóteles confere à felicidade status de virtude, resultado da ação humana. Epicuro e os cínicos divergem quanto ao prazer; o primeiro concebe a felicidade a partir dos prazeres, aqueles naturais e necessários; os cínicos por sua vez pregam a negação total dos prazeres como forma de autossuficiência e em busca retorna a seu interior no qual residia a verdade. Santo Agostinho nega a felicidade como fruto da ação humana e a concebe como resultado da revelação divina a criação. Hobbes e Spinoza concebem o *conatus* como esse movimento inicial, mas para Hobbes a obtenção de um desejo era apenas um passo para obtenção do outro. Diante dessa celeuma, os filósofos ora convergiam ora divergiam a respeito do que seria a felicidade, sem, contudo chegar a um consenso a respeito.

## 4.2 FELICIDADE E CONSUMO

Podemos inquirir se as concepções sobre a felicidade que vimos até então seriam as mesmas que nos movem hodiernamente. Apesar da divergência encontrada entre os filósofos considerados neste preâmbulo histórico, parece que nossa própria concepção de felicidade seria mais consensual. Para analisar em que se fomenta a concepção contemporânea de felicidade, a fim de verificar se ela estabelece um fundamento próprio, à parte da historicidade filosófica por nós apresentada, necessita-se delinear sua base de contato; esta não prescinde da vinculação com um movimento surgido com o capitalismo: a apologia ao consumo.

A partir das revoluções industrial e francesa, iniciam-se os processos de produção de mercadorias em larga escala, possibilitando o avanço do comércio. Aliado ao progresso tecnológico e as conquistas no campo político e individual, a produção em grande escala possibilitou a democratização do consumo. As mercadorias e os bens de consumo se multiplicaram e se tornaram acessíveis a tantos quanto queiram pagar. Para Lipovetski (2007), a modernização dos meios de produção possibilitou, a partir de 1880, o primeiro grande ciclo de consumo, interrompido com a primeira grande guerra. Por volta de 1950 surge uma nova fase de consumo, que se capilariza por diferentes camadas sociais. Produtos como automóveis, celulares, que eram exclusivos de determinadas classes sociais, tornam-se acessíveis a um grupo maior de pessoas; é a democratização do consumo (LIPOVETSKI, 2007).

Santos (2012) destaca que o espírito consumista surge através de três perspectivas que constroem uma cultura voltada para o consumo. A primeira diz respeito à construção do valor como relação mediadora entre o objeto e a imagem da mercadoria adquirida. Com isso, a mercadoria é formatada para atuar como um valor social na vida das pessoas, adquirindo um papel de destaque dentro da dinâmica econômica estabelecida.

Num segundo plano, o consumo atua como divisor social entre o estabelecimento dos vínculos entre as classes sociais, atenuando uma diferença social entre quem detém o poder aquisitivo ou não para consumir. Santos (2012) exemplifica tal situação a partir das incisivas peças publicitárias que, mesmo

focando em nichos de mercados específicos, comprometem outras camadas sociais, impulsionando o paradigma do consumo com forma de atingir a felicidade. Sobre essa questão, Bauman (2009) destaca uma atuação forçosa para que o indivíduo seja induzido a comprar e gastar, mesmo este não tendo nenhum poder aquisitivo para o consumo. Como consequência desse imediatismo, o autor aponta o endividamento por parte de uma parte da sociedade que se sente obrigada a consumir para satisfazer suas necessidades imediatistas.

O terceiro aspecto citado por Santos (2012) diz respeito à relação construída entre consumo e prazer. Nessa última descrição ocorre uma constante busca por novas mercadorias para substituir um prazer imagético que sempre se desloca de um sentido para outro a partir daquilo que a indústria do *marketing* e as mídias de comunicação consideram como ideal.

Essa busca é permeada por tropeços e desencontros. O consumo necessita ser constantemente incentivado para que a estratégia de *marketing* transforme os objetos em símbolos de consumo (SILVA; CARVALHES, 2016). Assim, o que impera não é o objeto como forma de satisfação, mas sim, a ideia a este articulada e propagada pelas mídias.

Bauman (2009) mostra que a relação entre consumo, renda, aquisição do produto e a felicidade do indivíduo não é parâmetro para mensurar a felicidade das pessoas. Para o autor, tal fato pode ser esclarecido quando a felicidade é analisada a partir de uma dimensão subjetiva, pois esta não pode ser avaliada por mecanismos de quantificação.

Diante da possibilidade de adquirir felicidade através da compra de um dado produto, mostrando uma relação equivocada e arbitrária:

a sociedade de consumo mantém esse vínculo instável com o anseio de ser feliz através da manutenção constante da “busca”, ou seja, o desejo principal passa a ser o ato de deslizar pela rede de consumo e não a obtenção do produto como meta final. Isso lançaria à felicidade em uma condição impossível de ser alcançada, ainda que os produtos encontrados nas gôndolas gerem a miragem de tal possibilidade, como é possível observar, por exemplo, no convite expresso no slogan muito difundido de uma grande loja de departamentos: “Vem ser feliz!” (SILVA; CARVALHES, 2016, p. 78).

Outro aspecto importante apontado por Bauman (2007) refere-se ao tédio como um subproduto da felicidade. Ele, por sua vez, é derivado de rotinas insuportáveis que são estabelecidas por uma compulsão em comprar; mesmo o

sujeito adquirindo as recorrentes novidades que vem surgindo, ele se sente frustrado e insatisfeito, entrando numa busca compulsiva por algo que satisfaça a ânsia do seu desejo. Segundo Silva & Carvalhaes (2016), é de se esperar que o complemento da subjetivação na contemporaneidade seja o tédio. Seu impacto atua conseqüentemente enquanto um cansaço em viver, e seu efeito causa um busca incessante pelo consumo.

Nessa perspectiva, Santos (2012) salienta que o papel da propaganda é apresentar um produto não apenas como objeto, mas como um conceito que oferece experiências e sensações. O sujeito frente ao tédio existencial sai em busca de novas experiências a partir do consumo que alimenta a esperança de preencher esse vazio. Não é o acúmulo de objetos que importa, mas o acúmulo de sensações experimentadas, o que torna os objetos descartáveis e de curto proveito, sendo necessário a aquisição de outro.

Não obstante, Bauman (2009), discorrendo de forma profícua, adverte que os vínculos estabelecidos na atualidade seguem de forma hegemônica a uma lógica na qual as relações são medidas pelo custo-benefício, que, na eminência de presenciar qualquer mal estar, afasta-se da situação causante, mesmo que isso indique o fim da vinculação com outro indivíduo, ou, em outras circunstâncias, voltar-se a repetitivas buscas por novas relações. Tais observações feitas pelo autor podem ser identificadas nas relações virtuais, nas quais o contato pode ser interrompido por um único *click*.

É importante destacar que a busca por consumo, segundo Lipovetsky (2007), é mais que relacionar consumo ao prazer. O que está em jogo é a difusão de discursos que vinculam o consumo à capacidade de ser feliz. Não se trata mais da busca de bens materiais - o que move o ser humano são experiências, sentimentos, afetos identificados como disponíveis nas prateleiras dos centros de compras. O que se percebe nesse processo, é o estabelecimento recorrente da insatisfação em algo permanente, em que a busca pela felicidade é mediada pela esperança de ser feliz, e quando não encontrada, a infelicidade deve ser evitada a todo custo. Assim, a felicidade é uma possibilidade que precisa ser buscada e comprada, não importando o custo.

Não raro, vê-se nos meios de comunicação em massa um bombardeio de propagandas que enaltecem a felicidade como matéria de consumo, sendo sua busca mediada através do consumismo desenfreado. Atestada pelo imperativo



“felicidade x consumo”, Moreira & Sloan (2002) afirmam que a saúde mental tem ganhado contornos cada vez mais preocupantes, pois o indivíduo que se insere nesse tipo de relação paga não só com dinheiro, mas também com a saúde psicológica, vivenciando sintomas como ansiedade, estresse elevado, perda de autoestima e sensação de que a vida não vale mais a pena.

Para Moreira & Sloan (2002), o indivíduo adoce a si mesmo e ao outro que está a sua volta, pois não estando consciente de sua condição, reflete seus sintomas com mal estar existencial. As raízes da problemática são apontadas como consequências do mundo contemporâneo que implica em uma permanente crise de identidade.

Nesta perspectiva, urge o individualismo, que pode ser analisado como reflexo de um sintoma social, o qual contribui para uma compreensão psicopatológica da contemporaneidade. Os sujeitos atuais são mais vulneráveis aos acometimentos psicopatológicos que estão ligados a autoestima e aos sentimentos de despersonalização, haja vista que se tem uma supervalorização do indivíduo bem-sucedido e autônomo. Desse modo, há uma luta cotidiana interna para tentar conviver com as novas configurações de mundo que a contemporaneidade instaurou nas formas humanas de existir e relacionar-se.

Nesse sentido, uma característica observada na contemporaneidade é um crescente desapego nas relações com o outro, nas quais predomina um exagero na individualidade. A cultura passa a constituir-se numa busca hedônica individual (embora empreendida em massa) pelo consumismo; o interesse pelos fenômenos sociais é relegado a segundo plano ou mesmo abandonado, de modo que o sujeito preocupa-se cada vez mais em consumir para ser feliz. Para Tavares (2004), essas mudanças caracterizadas pela velocidade e sobrecarga de informações obtidas na atualidade têm como principal característica a instabilidade dos desejos, incapacidade de lidar com o sofrimento e insegurança em lidar com os afetos, culminando em um consumo constante como forma de sustentar a oferta de felicidade.

Nesse contexto apresentado, constrói-se um ideal ilusório de preenchimento de um vazio que é oferecida na forma de uma felicidade objetificada até então acessível para poucos indivíduos, ou seja, inacessível à grande parcela da sociedade. O que prevalece é a oferta de ideais que através de diversos tipos de

objetos servem como modalidade de consumo, prometendo minimizar o desprazer em detrimento da felicidade plena (FREGONEZZ, 2006).

Mediante objeto de estudo exposto neste capítulo, cabe aqui esclarecer que o objetivo do trabalho não é ignorar os acontecimentos ocorridos ao longo da história das ideias. Porém, é imprescindível ressaltar que nos dias atuais os laços de afeto estão demasiadamente ausentes, e o que impera é um frenesi desenfreado em virtude do consumo, que inaugura um novo quadro histórico até então não visualizado em outros tempos.

#### **4.2.1 A busca da felicidade e as relações no mundo pós-moderno: de Freud a Bauman**

Podendo ser compreendida como uma busca inerente à condição humana, o desejo por felicidade demonstra uma fragilidade em seu ideal de completude, sendo que após a satisfação momentânea do desejo sempre haverá uma falta por parte sujeito e uma busca através de objetos novos que promovam a felicidade. Em o Mal Estar na Civilização, Freud (1930/1996) toma como partida a busca por um estado de felicidade como inerente a condição humana - esse esforço por ser feliz, embora seja apreendido no campo individual, compreende uma universalidade da espécie humana. Todos desejam alcançar a felicidade e nela se esforçam por permanecerem. Essa constatação dialoga com outros pensadores e encontra amparo nas considerações feitas por Aristóteles, que concebia a felicidade como finalidade última de toda atividade humana.

Freud (1930/1996) vai dizer que na busca por ser feliz o homem partirá de dois princípios: o primeiro diz respeito a uma métrica negativa na qual o homem procura ser feliz evitando o sofrimento e os infortúnios contingentes a vida; o segundo diz respeito à felicidade propriamente dita, na qual consiste na busca por sensações de intenso prazer. A partir disso, deduzirá Freud que esse objetivo é regulado pelo programa do princípio do prazer. Freud (1930/1996) vai afirmar, no entanto, que esse esforço pela felicidade parece não estar em acordo com o resto do mundo, tanto do ponto de vista da natureza, quanto da cultura.

Ocorre que as sensações de satisfação intensa buscada pelo princípio do prazer encontra limites no princípio da realidade impostos pela cultura e pela natureza, e aquilo que costumamos experimentar como felicidade são apenas

sensações episódicas, repentinas e de curta duração. Além disso, essas sensações são tidas como prazerosas a partir dos contrastes com os momentos de infelicidade.

O sofrimento, dirá Freud, nos ameaça de três modos distintos:

De nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência; do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, de nossos relacionamentos com os outros homens. O sofrimento que nos provém dessa última fonte talvez nos seja mais penoso do que qualquer outro. Tendemos a encará-lo como uma espécie de acréscimo gratuito, embora ele não possa ser menos fatidicamente inevitável do que o sofrimento oriundo de outras fontes (Freud, 1996, p. 85).

Diante dessas ameaças, o sujeito tende a buscar a felicidade a partir daquilo que chamamos no presente texto de métrica negativa, ou felicidade a partir da fuga do sofrimento, ou ainda, nas palavras do próprio Freud, o sujeito tende a dizer que é feliz “simplesmente porque escapou à infelicidade ou ao sofrimento” (Freud, 1996, p. 85). Essas considerações são importantes por terem sido escritas num período em que Freud estava bastante cômico da sua obra, e por ter presenciado os horrores da Primeira Grande Guerra Mundial, estando mais atento aos fenômenos culturais e sociológicos.

Não obstante o fato de a civilização ser obstáculo ao programa do princípio do prazer, os homens optam por viver em sociedade, abrindo mão da satisfação oriunda das suas pulsões em troca de viver em segurança. Na ausência da civilização, o homem teria que se sujeitar a obedecer à lei do mais forte, a qual sujeita os demais aos seus caprichos. Nesse sentido, Freud (1930/1996) dirá que na tentativa de evitar o desprazer, os homens tendem a refugiar-se no consumo de entorpecentes e no isolamento como forma de evitar o sofrimento, sobretudo daqueles advindos das frustrações nos relacionamentos, sendo esta causa constitutiva de grande sofrimento.

Se de um lado os relacionamentos são causa de sofrimento, para Kaitel (2013) estes, quando bem estabelecidos, podem ser causa de prazer e felicidade, levando o sujeito a experimentar algo muito próximo de um ideal de felicidade. Em “O Mal Estar na Civilização”, Freud reflete sobre essa experiência da “arte de viver”, que consiste numa “modalidade de vida que faz do amor o centro de tudo, que busca toda satisfação em amar e ser amado” (Freud, 1996, p. 89). Para Kaitel (2013), ao viver essa experiência o sujeito pode atingir uma sensação “completa” de

felicidade. Nesse tipo de relação, o sujeito não busca fugir do desprazer provocado nas relações, nem tampouco evita o contato com os elementos externos do mundo. Nas palavras de Freud (1996, p. 89):

Uma atitude psíquica desse tipo chega de modo bastante natural a todos nós; uma das formas através da qual o amor se manifesta — o amor sexual — nos proporcionou nossa mais intensa experiência de uma transbordante sensação de prazer, fornecendo-nos assim um modelo para nossa busca da felicidade. Há, porventura, algo mais natural do que persistirmos na busca da felicidade do modo como a encontramos pela primeira vez?

Todavia esse tipo de relação deixa o sujeito bastante exposto ao risco que esse tipo de entrega representa. Freud (1930/1996) dirá que nos tornamos bastante indefesos ao sofrimento quando amamos, visto que a perda da pessoa amada provoca uma sensação de desamparo muito grande, causando grande infelicidade. Por esse motivo, podemos pensar, nas relações da pós-modernidade os sujeitos tendem a se vincular cada vez menos como forma de se proteger.

Esse tipo de relação no qual o sujeito experimenta uma sensação “completa” de felicidade tem se tornado cada vez mais raro. O que prevalece nessa sociedade “líquida”, na expressão de Bauman, são os relacionamentos cada vez mais superficiais pautados no interesse, que buscam eliminar uma certa tensão libidinal através do sexo.

Partindo desse pressuposto, Bauman (2004) tecerá considerações sobre a fragilidade das relações contemporâneas. O autor expressa em seus estudos que a sociedade inserida dentro da modernidade líquida tem por característica a fragmentação das habilidades das pessoas se relacionarem e estabelecerem vínculos. Conquanto, os sujeitos têm seguido regras e modelos preestabelecidos com medo da responsabilidade de se frustrar com as escolhas feitas:

O desvanecimento das habilidades de sociabilidade é reforçado e acelerado pela tendência, inspirada no estilo de vida consumista dominante, a tratar os outros seres humanos como objetos de consumo e a julgá-los, segundo o padrão desses objetos, pelo volume de prazer que provavelmente oferecem em termos de seu “valor monetário” (BAUMAN, 2004, p.96).

Na mesma linha, Detoni (2009) afirma que os sujeitos modernos têm preferido ficar sozinhos a enfrentar o desafio de se frustrar na relação com o outro, acreditando ilusoriamente que assim poderão evitar o sofrimento ou a decepção. Desse modo, criam-se ilhas sociais nas quais os sujeitos evitam se relacionar uns

com os outros. Conseqüentemente, o sujeito ser torna um ser faltante, precisando de algo para se sentir completo através das relações interpessoais. A autora exemplifica tal situação ao descrever o estilo de vida dos grandes centros, que, em virtude da vida acelerada, contribui para que o investimento em vínculos interpessoais e confiança mútua sejam substituídos por experimentações imediatas.

Para Bauman (2007), esse tipo de relação é de fato predominante da sociedade de consumidores, na medida em que em um tipo de sociedade que favorece o estilo de vida consumista, inexistente outra forma de cultura que não seja baseada na compulsão por consumir. Esse tipo de sociedade anseia em ser compreendida e desvendada em seus mecanismos, na medida em que institui formas de conduta de seus participantes disseminadas pela obediência à cultura do consumo, penalizando-se aqueles cujos padrões fogem às formas de consumo oferecidas: o membro desobediente é estigmatizado como inadequado, tendo como consequência a exclusão do circuito social.

Os relacionamentos estão surgindo como um negócio, e vistos como um suporte para a insegurança e a solidão. Os consumidores dos “relacionamentos” os adquirem para suprir suas necessidades momentâneas, e quando a promessa de satisfação falha eles são abandonados e/ou trocados por outro relacionamento que traz a mesma promessa (ROMANI, 2013, p.14).

Esse tipo de ação pode ser analisada a partir de uma inter-relação em que as pessoas e os objetos estão em constante movimento de produção e criação. É possível observar que na pós-modernidade a felicidade é objetificada e transformada num produto de desejo humano, materializada na aquisição de bens materiais, os quais são mediados pelos papéis sociais e pelo consumo dos objetos substitutivos.

O outro passa a ser visto também como objeto, transformando as relações afetivas em relações de consumo passageiras, de modo a garantir o máximo de sucesso e o mínimo de fracasso. Garantir os meios que possibilitem a satisfação, excluindo o que lhe sirva de obstáculo, tem sido a ética do sujeito pós-moderno, em concordância com o princípio de prazer (GARCIA, 2008). O desprazer é relacionado à tensão devido ao acúmulo de energia e o prazer consiste na descarga desse excesso – de modo muito semelhante ao preconizado por Freud acerca do funcionamento do aparelho psíquico.

Seja diante do consumo material ou diante do consumo do afeto em forma de objeto, a possibilidade de obter prazer partilha de tamanha diversidade para o indivíduo que, muitas vezes, a angústia frente a escolha ocorre pela impossibilidade de escolher uma alternativa de prazer (LOPES, 2012). Para tanto, a cada investimento em busca de novo prazer surge um novo objeto; assim é aumentada ainda mais a oferta de novas formas de se obter prazer.

Ao mesmo tempo em que, no mundo pós-moderno o sujeito pretende ser feliz a um nível individual, se afastando do contato direto com o outro, como um meio de defesa, ou melhor, dizendo, servindo ao princípio do prazer que o afasta do desprazer que as relações interpessoais podem ocasionar, esse sujeito busca nos objetos de consumo e nos papéis sociais um meio de inserção no coletivo, de aceitação e reconhecimento grupal, “garantindo” o máximo de prazer, e sendo, portanto, difícil neste contexto se pensar infeliz (Lopes, 2012, p. 12).

Diante das frenéticas mudanças da modernidade, os sujeitos mudam constantemente as formas de se relacionarem, implicados diretamente na maneira de pensar e agir da cultura. As relações estão se tornando cada vez mais frágeis e distantes, a exemplo de outros momentos em que eram sonhadas, imaginadas e desejadas, tornaram-se agora fonte de medo. Assim, as relações se iniciam com uma proposta fim, para que ninguém possa se entregar e sofrer com a possível perda. É o que se pode perceber também no âmbito amoroso:

Outro modo usado pelo homem na tentativa de busca pela felicidade é o amor sexual. Uma atitude psíquica que proporciona uma intensa sensação de prazer, um modelo de felicidade. Mesmo sendo um processo interno, o sujeito se prende a um objeto externo, com quem mantém uma relação emocional. Essa técnica, como as outras, tem um lado enfraquecido (RAMONI, 2013, p. 20).

Segundo Detoni (2009), as relações interpessoais estão cada vez mais fragilizadas quando, na eminência de amar, o sujeito sente medo e fraqueza, na contramão do estereótipo social, que impõe que ele seja livre. Conseqüentemente, quando o sujeito munido de seu mote de liberdade acomete-se de angústia e tédio em seus relacionamentos interpessoais, surge a premente necessidade de buscar outro objeto de gozo, único modo de fazer findar a dor, incapaz de ser lidada de modo mais autêntico na cultura de massa em que se encontra.

#### 4.3 DOIS CAMINHOS À FELICIDADE

### 4.3.1 O sofrimento como travessia

Com o iluminismo, a racionalidade inaugurou um novo ideal de felicidade com base no progresso científico e tecnológico como regulador e provedor da qualidade de vida humana. Com isso, rompeu-se com a ideia de que a felicidade era dada por Deus e implicou-se a razão e o desenvolvimento científico na promoção da felicidade.

A ciência ganha um novo *status* frente a ordem divina. O Estado, que até então tinha como principal atividade regular a vida entre os homens e explorar suas atividades, insurge com o dever de garantir ao homem o direito pela busca felicidade. Nas palavras de Sewaybricker (2012), a declaração de independência americana (1776) marca essa mudança, na qual Thomas Jefferson conclama que todos têm o direito inalienável de ir à busca da liberdade e da felicidade. Da mesma forma, a Revolução Francesa (1789) foi ainda mais incisiva, prometendo lutar pela felicidade do homem (FRANCO FILHO, 2009). A partir deste momento, a felicidade deixa de ser uma discussão filosófica dada aos homens como graça divina e passa a fazer parte das conversas cotidianas do cidadão americano, enfim democratizada. O Iluminismo surge com a pretensão de libertar o homem das sombras trazidas pela Idade Média e instaurar uma sociedade na qual o progresso técnico-científico pudesse promover um estado de bem-estar social (FRANCO FILHO, 2009).

No entanto, o que se observa a partir de uma análise mais acurada a respeito dessa curva iniciada com o Iluminismo é que não obstante a felicidade ter sido democratizada, garantida como um direito inalienável do homem, ela continua a residir justamente na busca, na promessa, e portanto, numa esperança. Se a Felicidade era esperança, para Santos (2016) ela não se concretizou; ao contrário, nunca se produziu tanta infelicidade como agora, sendo a marca do nosso tempo a desilusão. Tal desilusão seria, de forma inequívoca, mascarada justamente pela “espera” de se alcançar no futuro a felicidade, deslocando a atenção do presente para este tempo que é um nada. Os ideais – inclusive os proclamados pela razão e pela ciência em sua crença no desenvolvimento no futuro de uma melhoria constante – são um niilismo, de acordo com a concepção de Friedrich Nietzsche.

Já no século XIX Nietzsche denunciava o processo de racionalização da vida e o projeto da modernidade de elevar a razão a um *status* superior ao corpo e os sentimentos. Logo na sua primeira grande obra acadêmica, defendeu a filosofia dionisíaca e a tragédia grega como essências do humano. Nietzsche relegava o racionalismo e via da tragédia como a pura representação do sentido da vida e da natureza humana. Enquanto o homem da modernidade assiste a tragédia como entretenimento, os gregos assistiam a tragédia como contemplação do próprio sentido de existir (SOUZA & DAVID, 2003). Na visão do filósofo, a modernidade tinha deixado de lado a natureza dionisíaca em prol de um mundo organizado e temperado como o de Apolo.

Para Sawaybricker (2012), Nietzsche acreditava que o pensamento racional introduzido pelos gregos e cultuado pelo Iluminismo era decadente, pois havia deturpado a natureza humana ao promover a razão e não as incertezas como características da ontologia humana. O pensamento racional, aliado da vergonha e culpa instituídas pela religião, impediam o homem de encontrar-se com seus instintos e conseqüentemente a felicidade. Com isso, o homem aceita o sofrimento como consequência do pecado tornando-se um ser subserviente, atentando para outro porvir niilista, este, calcado na promessa da transcendência.

Souza & David (2003) nos mostram um Nietzsche apaixonado pela vida, doravante sua doença e o sofrimento que esta lhe impunha. Crítico do dualismo platônico e de todas as formas de idealismo, Nietzsche convida a romper com o idealismo alemão e o cristianismo que, segundo ele, era decadente; para ele, o cristianismo condena o que há de melhor e enaltece aquilo que há de mais fraco no homem. Ao contrário, a tragédia grega exaltaria os instintos e zombaria da fragilidade humana (SOUZA & DAVID, 2003).

Plaza (20-?) nos apresenta uma boa definição do sujeito trágico em Nietzsche. Para a autora, o sujeito trágico é aquele que nega a condição determinista do sofrimento, desafia o tempo e se coloca como senhor do seu destino. A capacidade trágica de ser feliz está diretamente ligada à capacidade do indivíduo de dançar frente ao caos e sofrimento, ou seja, desafiá-la. O sofrimento, tema central na sua obra, esconde aquilo que Nietzsche anuncia como felicidade (FORTES 2014).

Nietzsche acreditava que o homem moderno havia sido contaminado pelo pensamento racionalista, que, desde Platão, vem colocando a razão acima da



natureza do homem. Para Souza & David (2003), Nietzsche acreditava que a modernidade tinha sujeitoado o homem à condição de fraco; sendo assim, o homem moderno se acostumou a buscar felicidade por meio da negação da angústia e do sofrimento. Souza & David (2003) apresentam uma crítica de Nietzsche à ciência moderna, que, para ele, tinha como finalidade maior promover o menor sofrimento e viver o quanto mais possível. A ciência aparece como um produto do qual o homem moderno se utiliza para evitar o sofrimento e os infortúnios. O triunfo da razão sobre o corpo leva o homem a compreender a vida de forma fragmentada, fria, sem a devida dimensão de totalidade. O triunfo da razão sobre o corpo implica dizer que a interpretação dos fenômenos do mundo passa a ser mediada pelo crivo do intelecto.

Nietzsche, ao contrário do que apregoa a sociedade contemporânea, acredita que a dor e sofrimento podem ser libertadores por possibilitar ao homem conhecer e ser guiado pelos próprios instintos. Souza & David (2003) afirmam que no trágico de Nietzsche a dor seria como um capitão que nos convida a viver e a superar nossos limites. A dor nos convida a sentir o corpo, conhecê-lo escutá-lo.

Em negação ao idealismo alemão e ao Deus transcendental do cristianismo, Nietzsche apresenta o conceito de “amor fati” e conclama os homens a amar a vida tal como é. Em “amor fati”, Nietzsche exalta o sofrimento como fonte criadora, e nega a linearidade do tempo:

“Minha fórmula para a grandeza no homem é amor fati, não querer nada de outro modo, nem para diante, nem para trás, nem em toda eternidade. Não meramente suportar o necessário, e menos ainda dissimulá-lo [...], mas amá-lo...” (NIETZSCHE, 1974, p.382).

Nietzsche não trata da aceitação do sofrimento como determinismo causal, mas um empoderamento da vida com as forças que se tem dela. O “amor fati” trata da aceitação dos obstáculos da vida sem querer transpô-los, nem sentir saudades de uma época recordada como ausente do sofrimento, nem desejar o futuro ausente de tais afetos. Trata, portanto, de viver no único instante que se pode viver, na única vida que se pode ter. Nietzsche nos convida a amar a vida tal como ela se apresenta e não desejar outra vida senão essa, e, além disso, querer repeti-la mil vezes se preciso for.

#### **4.3.2 Entre o desespero e a esperança**

Se para Nietzsche o sofrimento era o ponto de partida para uma vida feliz, Comte-Sponville (2001) propõe um retorno a filosofia de Spinoza, e tomará a desesperança como condição necessária à felicidade. Vimos que Spinoza aponta para esperança introduzida pelo cristianismo e pela metafísica de Platão como causa da maior parte de nosso sofrimento. Influenciado por esse pensamento, Comte-Sponville (2001) inicia um caminho no qual pretende afirmar a felicidade como possível a partir do desespero.

O filósofo aponta que a busca por um sentido de existência que garanta um mínimo de felicidade leva com facilidade a novas esperanças em coisas que nunca se concretizam: “A esperança prende o homem num futuro não realizado, justamente porque ela está fundamentada no absoluto”. (SANTOS, 2012, p.51)

O que fazer pra escapar das incertezas da esperança? O filósofo francês aponta para o desespero como saída ao desejo inalcançável da esperança. Comte-Sponville (2001) concorda com Spinoza (1661/1973) ao afirmar que a esperança é a causa de toda nossa infelicidade. Para o autor, a esperança consiste em três características; “esperar é desejar sem gozar, esperar é desejar sem saber e esperar é desejar sem poder (COMTE-SPONVILLE, 2001, p. 58)”. Isto implica dizer que na esperança o desejo reside em algo que não temos, logo, a ausência nos impossibilita de ter de obter o gozo com o objeto, o que nos obriga a esperar sem garantias, e, portanto, sem saber se vai chegar, o que leva invariavelmente a esperar sem nada poder fazer. Comte-Sponville (2001) se coaduna com Spinoza (1661/1973) que situa o desejo como ponto de partida justamente por esse constituir a essência da natureza, e, ademais, buscar ser feliz é encontrar a satisfação do desejo.

No seu “Tratado Sobre o Desespero e a Beatitude”, Comte-Sponville completa: “Cada nova esperança só existe para tornar suportável a não realização das esperanças precedentes, e essa fuga perpétua em direção ao futuro é a única coisa que nos consola do presente” (COMTE-SPONVILLE, 2006 p. 7). Dito de outro modo, as infelicidades de uma esperança não realizada são logo substituídas por outras, e assim sucessivamente. Para o autor, toda esperança é promessa de tristeza.

A este respeito, Firmino e Kaitel (2014) discorrem que em Comte-Sponville (2001) a felicidade parte em primeiro lugar do desejo. Para os autores, num primeiro

momento a felicidade pode ser entendida como ter o que desejamos. A partir daquilo que considera o desejo, Comte-Sponville questiona noção de desejo presente na filosofia até então. Refletindo sobre isso, pondera:

Se o desejo é falta, só desejamos o que não temos. Assim, se ser feliz é ter o que se deseja, torna-se fácil a compreensão dos porquês de não sermos felizes: Ora, se só desejamos o que não temos, nunca temos o que desejamos, logo nunca somos felizes. (COMTE-SPONVILLE, 2001, p.28).

Para Comte-Sponville (2001), as filosofias de Platão e Schopenhauer tomam como desejo aquilo que ele chama de esperança, e ainda ignora o fato de que entre o desejo e a falta existem duas pequenas coisas, a saber, o prazer e a alegria.

Depreende-se então que para se chegar à felicidade não haveria outro caminho senão perder a esperança; perde-se a esperança, ganha-se o desespero. Desesperar-se significa perder completamente esperança, viver no presente, não esperar mais nada. O que esperar do amor? Nada, senão amar. Feliz é aquele que não espera mais nada (COMTE-SPONVILLE, 2001).

Santos (2012) aponta para o fato de que, com o fracasso da modernidade em cumprir suas promessas de felicidade e progresso, só nos resta o desespero como filosofia. Não uma filosofia de uma vida melhor, mas uma filosofia do ato na qual lancemos mão daquilo que temos para sermos felizes. “O desesperado é feliz justamente por nada esperar; a sua vida é vivida no agora da história”. (SANTOS, 2012, p. 55).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme observado ao longo do trabalho, o homem sempre desejou ser feliz. Enquanto projeto individual, a busca pela felicidade é parte central de suas aspirações. Do primitivo ao pós-moderno, todos desejam ser felizes. Cada um a sua maneira, inserido numa determinada cultura, busca explicações sobre o que seria a felicidade: divinas, éticas, virtuosas, teleológicas, racionais.

Contudo, dada a complexidade do tema, não foi possível escolher um conceito que desse conta de compreender todas suas particularidades. Até porque o que é considerado bom e correto para uma cultura, pode se apresentar inadequado para outra. Disso podemos compreender que não há um modelo de felicidade universal partilhado por todos os homens. O modelo de uma vida feliz é fortemente atravessado pela cultura do seu tempo. Se para os filósofos clássicos da Grécia a felicidade era vista como virtude, razão e finalidade última da vida humana, para Santo Agostinho era a negação do desejo, revelação divina, submissão à onipotência do criador.

A felicidade é o problema central no pensamento cristão e surge como uma felicidade perdida, retirada do homem com o pecado original. A felicidade deixa de depender do homem no plano imanente e é alçada para o plano da salvação.

Segundo a psicanálise, a felicidade não poderia ser buscada nem no plano imanente, e muito menos em uma transcendência. No seu texto “O Mal Estar na Civilização”, um Freud bastante consciente de sua teoria tece considerações importantes a respeito do desejo pela felicidade. Nessa obra, Freud explica que o desejo humano pela felicidade não encontra consonância com o resto do mundo, haja vista que a vida em sociedade exige um sacrifício de nossas pulsões. Deduz-se disso que o mal estar presente na sociedade é inerente a ela e advém da diferença equacionaria entre aquilo que o sujeito deseja e aquilo que a cultura lhe exige. Disso deriva a grande dificuldade de pensar em felicidade numa sociedade que exige ao mesmo tempo a renúncia das pulsões e demanda por um imperativo do gozo. Tal demanda se mostra patente na contemporaneidade, sendo oposta ao imperativo do recalque vigente na sociedade vitoriana a partir da qual Freud tece suas considerações.

Ao estudar o comportamento do indivíduo na sociedade do consumo, observou-se que nessa geração predomina um imperativo no qual a felicidade deve ser perseguida. Esse imperativo torna o indivíduo intolerante ao sofrimento, levando-o a evitá-lo a qualquer preço. Neste sentido, foi possível constatar que, ao perseguir a felicidade, o sujeito nega o sofrimento como um atributo da natureza humana. Mais que isso, o sujeito nega não apenas o próprio sofrimento, mas passa a não reconhecer o sofrimento do outro.

Ao observar a sociedade do consumo, ficou claro que os processos de objetificação produzidos pela indústria do *marketing* tornaram a felicidade um bem a ser comprado por quem tiver condições. A felicidade e o prazer são postos nas prateleiras das grandes lojas e disponibilizados num único *click*. Esse comportamento aponta para a impossibilidade de satisfazer o desejo, visto que o que está posto em jogo não é o produto, mas o consumo como moeda de interação e inserção social. É o consumo e não o objeto que busca preencher o vazio.

A partir das análises extraídas dessa pesquisa, faz-se necessário refletir sobre o modo como a sociedade do consumo se organiza sobre a égide utilitarista, que, ao mesmo tempo, busca promover a maior felicidade ao máximo de pessoas possíveis, e entrega uma felicidade personalíssima de acordo com os desejos de cada indivíduo.

Ante a incapacidade de lidar com o vazio e o tédio existencial, surge uma questão que não foi compreendida nesse trabalho, mas corrobora com a crítica de Friedrich Nietzsche ao Iluminismo aqui abordado. A sociedade contemporânea lança mão das mais diversas técnicas e recursos para eliminar essa angústia. Na impossibilidade de mensurar a felicidade, mensura-se a angústia e o sofrimento sobre os quais a indústria farmacêutica e o saber médico/psiquiátrico regulam os afetos por meio da medicalização e diagnósticos, os mais variados possíveis. Uma análise mais pormenorizada da sociedade na qual vivemos faz desconfiar dos ideais positivistas e iluministas que exaltavam o progresso da razão como bem maior, capaz de anunciar o alcance da felicidade. Não obstante o inegável progresso que alcançamos com o uso de tecnologias, a diversidade de entretenimento e a atuação do Estado na promoção do bem-estar social, não se poderia anunciar o surgimento de uma sociedade mais feliz do que a considerada com pessimismo por Freud. Uma

mostra da disfuncionalidade com que os indivíduos se deparam perante os ditames da vida pode ser antevista a partir de uma simples mostra nosológica – que contudo não fora alvo dos objetivos perseguidos neste trabalho. Se considerarmos que o DSM partiu de 106 categorias em sua primeira edição, para mais de 300 na última atualização feita em 2013, pode-se questionar que uma sociedade tecnologicamente mais avançada teria trazido consigo mais felicidade. No que cabe às nossas reflexões, vale pontuar que esse aumento alarmante no número de patologias suscitaria dois questionamentos a respeito do sofrimento humano na contemporaneidade. Seria esse aumento um sintoma de uma geração propensa ao adoecimento por não saber lidar com o sofrimento? Ou essa patologização se apresenta como um dispositivo do saber médico que pretende legislar sobre os afetos, conferindo a eles *status* de patológico? Embora pontuemos tais reflexões, elas se localizariam para além daquilo que se propôs como alvo das investigações, podendo sinalizar possíveis desenvolvimentos futuros de pesquisas.

Na mesma direção, surge a psicologia enquanto técnica, com estudos científicos a respeito da felicidade na tentativa de categorizá-la e tornar possível “reproduzi-la” sob demanda nos consultórios. Assim, a felicidade torna-se um produto a ser aprimorado e adaptado às mais diferentes necessidades, não bastando ser feliz, mas o mais feliz possível.

Na tentativa de apresentar ao leitor os diversos conceitos de felicidade, podemos concluir que não há uma receita de felicidade capaz de satisfazer o homem no seu intento de ser feliz, pois cada um a partir das suas experiências concebe um ideal de felicidade a seu modo. No entanto, parece razoável dizer que para se alcançar a infelicidade, o caminho é procurar ser feliz, pois na ausência desta o que se pode experimentar é o sofrimento.

O fato de tanto se falar em felicidade revela a natureza daquilo que nos falta, em que o sintoma aparece como excesso. Por que se fala tanto em felicidade nos nossos dias? Por que ela ainda é desconhecida de nós? Diante dessa dificuldade de compreender a natureza da felicidade, o homem recorre aos mais diversos tipos de ferramentas que prometem promover uma espécie de catarse coletiva em prol da felicidade.

Uma solução talvez seja começar por aquela proposta feita pelos filósofos da Grécia Clássica: “conheça a ti mesmo”. Essa sentença, dado ao seu caráter pragmático, pode trazer respostas a algumas questões fundamentais da nossa

existência e da busca por uma vida feliz. O que me faz bem? Do que eu preciso pra ser feliz? Examinar este trabalho pode nos fornecer algumas dessas respostas.

Por fim, vale pontuar que a psicanálise, por referenciar uma clínica pautada na escuta e análise do simbólico, pode ser esse lugar em que o sujeito se permita a fazer esses questionamentos, sem a necessidade de uma resposta que visa atender um ideal coletivo, retornando às fantasias e desejos mais primitivos e que foram reprimidos em detrimento de uma moral que desse conta de recalcar as pulsões. Mais do que responder à demanda social por uma técnica massificada para se obter a tão sonhada felicidade, eis que a psicanálise não se situa em meio aos dispositivos que podem ser encontrados em outros campos da psicologia. Uma psicoterapia de orientação psicanalítica, portanto, traria ao próprio sujeito este questionamento incômodo do que ele percebe como tomando parte da felicidade – seja lá o que quer que ela se remeta.

|

## REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução de Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 1984.

BAUMAN, Z. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

----- **Amor líquido**: sobre a fragilidade das relações humanas. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

----- **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

----- **Amor líquido**: Sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BÍBLIA. A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 1969.

CAMPS, Victoria et al. **Historia de la ética**. 1989. Disponível em: <<http://www.ceap.br/material/MAT25082013230426.pdf>>. Acesso em 02 Outubro 2018.

CARDOSO JR, Hélio Rebello; WEBER, J. F.; NALLI, MAG. Espinosa e Nietzsche: elos onto-práticos para uma ética da imanência. **SEMINÁRIO DE FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA: Nietzsche e o pensamento francês**. WEBER, JF, 2006. Disponível em: <[http://www.academia.edu/download/31694262/Artigo\\_Helio\\_Rebello\\_Espinosa\\_Nietzsche.pdf](http://www.academia.edu/download/31694262/Artigo_Helio_Rebello_Espinosa_Nietzsche.pdf)>. Acesso em 24 outubro 2018.

CHAUÍ, M. **Introdução à História da Filosofia**: dos pré-socráticos a Aristóteles. Vol. 1. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

COMTE-SPONVILLE, A. C. **Tratado sobre o desespero e a beatitude**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

COMTE-SPONVILLE, A. C. **A felicidade desesperadamente**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

COSTA-PINTO, Alessandra Buonavoglia; RODRIGUES, Lisete. **Reflexões sobre a educação em Espinosa**: a experiência do encontro como segundo nascimento. 2013. Disponível em: <<http://dide.minedu.gob.pe/handle/123456789/2802>>. Acesso em 03 novembro 2018.

DIAS, Rafael P. F. DIÓGENES DE SINOPE E O PENSAMENTO RELIGIOSO. **Revista Eletrônica Ambiente, Gestão e Desenvolvimento**, [S.l.], v.



9, n. 2, dez. 2016. ISSN 1981-4127. Disponível em: <<https://remgads.uerr.edu.br/index.php/home/article/view/39>>. Acesso em: 03 nov. 2018

DA GLORIA NOVAK, Maria. Estoicismo e epicurismo em Roma. **Letras clássicas**, n. 3, p. 257-273, 1999. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/letrasclassicas/article/view/73765/77431>>. Acesso em 24/10/2018.

DETONI, Maria Célia. **Artesania Clínica**: questões para uma prática da multiplicidade. Porto Alegre: Marcavizual, 2009.

DIAS, Rafael Parente Ferreira. A importância da felicidade na filosofia cínica. **Griot: Revista de Filosofia**, v. 10, n. 2, p. 216-225, 2014. Disponível em: <<https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/griot/article/download/609/325/>>. Acesso em 31 outubro 2018

DINUCCI, Aldo Lopes. Diógenes, o cão: imagens, ditos célebres, comentários, epigramas. **PROMETEUS FILOSOFIA**, v. 3, n. 5, 2013. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/prometeus/article/view/752/630>>. Acesso em 31 outubro 2018.

DO AMARAL, Roberto Antonio Penedo; SILVA, Deyse Amorim; GOMES, Luciene Izabel. **A eudaimonía aristotélica**: a felicidade como fim ético. 2012. Disponível em: <<http://www.ufvjm.edu.br/site/revistamultidisciplinar/files/2011/09/A-eudaimon%C3%ADa-aristot%C3%A9lica-a-felicidade-como-fim-%C3%A9tico.pdf>>. Acesso em 18 novembro 2018.

D'OCA, Fernando Rodrigues Montes. Sobre o desejo em Thomas Hobbes. **Revista Thema**, v. 8, n. 1, 2011. Disponível em: <<http://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/68/37>>. Acesso em 23 outubro 2018.

ESPINOZA, Baruch de. **Tratado da reforma da inteligência**. Tradução, introdução e notas de Lívio Teixeira. São Paulo, Martins Fontes, 2004.

FERNANDES, Maria Imaculada Azevedo et al. Interioridade e conhecimento em Agostinho de Hipona. **São Paulo**, v. 104, 2007. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/11759/1/Maria%20Imaculada%20Azevedo%20Fernandes.pdf>>. Acesso em 31 outubro 2018.

FIRMINO, Carlos Eduardo; KAITEL, Alexandre Frank Silva. A noção de felicidade em Freud e Comte-Sponville: Possíveis aproximações e distanciamentos. **Psicologia Argumento**, v. 31, n. 74, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/20533/19783>>. Acesso em 26 outubro 2018.

FORTES, Isabel. O sofrimento como travessia: Nietzsche e a psicanálise. **Revista EPOS**, v. 5, n. 1, p. 99-111, 2014. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epos/v5n1/06.pdf>>. Acesso em 01 novembro 2018.

FRANCO FILHO, Odilon de Mello. A civilização do mal-estar pela não-felicidade. **Revista Brasileira de psicanálise**, v. 43, n. 2, p. 183-192, 2009. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0486-641X2009000200016&script=sci\\_abstract&tlng=es](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0486-641X2009000200016&script=sci_abstract&tlng=es)>. Acesso em 21 outubro 2018.

FRATESCHI, Yara. Racionalidade e moralidade em Hobbes. **DoisPontos**, v. 6, n.3, 2009. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/doispontos/article/view/14676/9856>>. Acesso em 23 outubro 2018.

FREGONEZZI, Marta Dalla Torre; LIMA, Raimundo de. A felicidade existe? – Freud, a psicanálise e a felicidade. **Revista espaço acadêmico**.[s.l],nº59,Abr.2006. Disponível em: <[http://www.espacoacademico.com.br/059/59esp\\_limafregonezzi.htm](http://www.espacoacademico.com.br/059/59esp_limafregonezzi.htm)>. Acesso em 25 outubro 2018.

FREUD, S. (1996). **O mal-estar na civilização**. In S. Freud. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. 21 Rio de Janeiro.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Freud e o Inconsciente**. 23ªed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

GUIMARÃES, Valmir Percival. **Cinismo**: passado e presente. 2017. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/8073>>. Acesso em 03 novembro 2018.

HOBBS, Thomas. **Leviatã**. Trad. João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. 03. ed. São Paulo: Abril, 1983

LEVINE, D. N. **Visões da Tradição Sociológica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997

LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal**: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LOPES, Bruno César Oliveira. **A busca da felicidade e o bem estar no mundo Pós-moderno**. 2012. Disponível em: <<https://psicologado.com.br/abordagens/psicanalise/a-busca-da-felicidade-e-o-bem-estar-no-mundo-pos-moderno>>. Acessado em 20 de sete de 2018>.

MATSDORFF, Bruno Karl. Antístenes e a fundação do cinismo. **PROMETEUS FILOSOFIA**, v. 9, n. 19, 2015. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/prometeus/article/view/3571/4006>>. Acesso em 31 outubro 2018.

MCCMAHON, Darrin M. **Felicidade**: uma história. **São Paulo: Globo**, 2006.

MORA, José Ferrater. **Dicionário de filosofia. 4.(Q-Z)**. Edições Loyola, 2001.

MOREIRA, V. & Sloan, T. (2002). Personalidade, ideologia e psicopatologia crítica. São Paulo: Escuta. Pessoa: Ed. Universitária UFPB. Disponível em: <<http://hp.unifor.br/hp/pos/mps/docs/semanapsicfederaljulho2002.pdf>>. Acesso em 25 Outubro 2018.

NIETZSCHE, Friedrich. A Gaia Ciência, 347. **Coleção Pensadores, São Paulo, Ed, 1974.**

OLIVA, Luís César. O conatus em Descartes, Hobbes e Espinosa. **DoisPontos**, v. 15, n. 1, 2018. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/doispontos/article/view/57176/35686>>. Acesso em 30 outubro 2018.

PAULA, Marcos Ferreira de. **Alegria e felicidade: a experiência do processo liberador em Espinosa**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-05032010-123532/en.php>>. Acesso em 23 outubro 2018.

PEREIRA, Douglas; ARAÚJO, Ulisses Ferreira. UMA REFLEXÃO SOBRE A BUSCA E O SIGNIFICADO DA FELICIDADE. **Revista Educação e Linguagens**, v. 7, n. 12, 2018. Disponível em: <<http://rpem.unespar.edu.br/index.php/educacaoelinguagens/article/view/1794>> acesso em 18 novembro 2018.

PLAZA, Pablo Javier Aragón. **Amor Fati. Amor al destino**. Introducción didáctica a la filosofía de Nietzsche, el maestro del Eterno Retorno. Disponível em: <<http://www.eduinova.es/monografias09/nietzsche.pdf>>. Acesso em 03 outubro 2018.

PRUDENTE, Mauro Godoy et al. **A influência do cinismo sobre a doutrina Aristotélica do Spoudaios exposta na ética a Nicômaco**. 2014. Disponível em <<http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2928>>. Acesso 03 novembro 2018.

ROCHA, Mariele Carla. A suprema alegria ética em Spinoza. 2015. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/38096>>. Acesso em 23 outubro 2018.

ROMANI, Patrícia Fasolo; WINCK, Gustavo Espíndola; STREY, Marlene Neves. Consumismo na pós-modernidade: uma questão de gênero?. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 49, n. 3, p. 263-268, 2013. Disponível em: <[http://www.revistas.unisinos.br/index.php/ciencias\\_sociais/article/view/csu.2013.49.3.05/3824](http://www.revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/csu.2013.49.3.05/3824)>. Acesso em 25 outubro 2018.

SANTOS, T. C. Comunicação e as transformações na cultura do consumo. Revista FAMECOS, v. 19, p. 208-224, 2012. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/4955/495551010013.pdf>>. Acesso em 25 outubro 2018.

SANTOS, André Costa. A sabedoria do desespero ou como construir a felicidade segundo comte-sponville. **Perspectivas**, v. 1, n. 1, p. 48-56, 2016. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/perspectivas/article/view/1583/8441>>. Acesso em 25 outubro 2018.

SEWAYBRICKER, Luciano Esposito. **A felicidade na sociedade contemporânea: contraste entre diferentes perspectivas filosóficas e a modernidade líquida**. 2012. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-13082012-100938/en.php>>. Acesso em: 25 outubro 2018.

SILVA, Fabio Aparício da. **A noção de felicidade nas confissões de Agostinho de hipona**. 2017. Disponível em: <<https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/6867/1/TCC%20FINAL-Fabio-revisto-Faitanin-28-11-2017.pdf>>. Acesso em 24 outubro 2018.

SILVA, Rafael Bianchi; DE CARVALHAES, Flavia Fernandes. Consumo e felicidade na contemporaneidade. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 16, n. 187, p. 71-82,2016. Disponível em: <<http://ojs.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/34331>>. Acesso em 25 Outubro 2018.

SOUZA, Josemar Jeremias Bandeira de et al. **Vida feliz na filosofia de Santo Agostinho**. 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/5654/1/arquivototal.pdf>. Acesso em 24 outubro 2018.

SOUSA, David Silva. **Nietzsche e a crítica da Técnica**. 2003. Disponível em: <[http://recil.ulusofona.pt/bitstream/handle/10437/2489/david\\_silva\\_sousa.pdf?sequence=1](http://recil.ulusofona.pt/bitstream/handle/10437/2489/david_silva_sousa.pdf?sequence=1)>. Acesso em 02 Novembro 2018.

SOUZA, Adelson Matias; DE OLIVEIRA, Cremilda Rodrigues. SER FELIZ: REFLEXÕES SOBRE A FELICIDADE E SEUS IMPERATIVOS. **REVISTA INTERDISCIPLINAR DE FILOSOFIA E EDUCAÇÃO**, p. 7, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/saberes/issue/download/714/Saberes#page=6>>. Acesso em 25 outubro 2018.

TAVARES, Fred. **O consumo na pós-modernidade: Uma perspectiva psicossociológica**. *Comum*. Rio de Janeiro, vol. 9, n.22, p. 122-143,janeiro/junho de 2004. Disponível em: <<http://www.fredtavares.com.br/resumos.htm#comum22>>. Acesso em 25 outubro 2018.